

Zeus nos *Fenómenos* de Arato: um deus democrata?*

FOTINI HADJITTOFI

Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

~~f_hadjittofi@clix.pt~~

f.hadjittofi@campus.ul.pt

Os *Fenómenos* de Arato, um poema didáctico da época helenística que deriva muito do seu material de obras prosaicas sobre astronomia, é considerado “o poema da universalidade”: um poema que propaga conhecimento universal e oferece uma interpretação dos sinais fornecidos pela natureza, que contém referências para um público o mais vasto possível (que inclui marinheiros, agricultores e pastores)¹ e cujo deus é o omnipresente Zeus que tudo permeia. O Zeus de Arato é o deus que inscreveu letras no céu para benefício de *toda* a humanidade².

Este artigo propõe uma análise das referências de Arato aos mitos sobre o nascimento e a infância de Zeus, em termos de política cultural, à luz das recentes interpretações do Zeus de Calímaco, especialmente da maneira como este deus vem representado no *Hino a Zeus*³. O meu objectivo é elucidar como a relação entre as diferentes manifestações do deus nos *Fenómenos* e no *Hino a Zeus* reflecte, ao mesmo tempo, duas diferentes visões religiosas e políticas, mas também a semelhança da tarefa realizada pelos dois poetas: fazer algumas “sugestões” sobre o que o rei deve ser e como se deve

* Estou muito agradecida ao Professor Arnaldo do Espírito Santo por me ter recebido tão bem no Centro de Estudos Clássicos em 2010. Queria também agradecer à Doutora Ana Maria dos Santos Lóio a sua preciosa ajuda em melhorar o português deste artigo.

¹ P. BING, “Aratus and his audiences”, in *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, 31, 1993, p. 100: “far from excluding anyone the poem actually contains numerous references of inclusive discourse... All of us, in Aratus' view are receptive to signs and innately disposed to construe them”. Utiliza-se a edição de D. A. KIDD, *Aratus Phaenomena, edited with Introduction, Translation and Commentary*, Cambridge, 1997, para Arato e a de R. PFEIFFER, *Callimachus*, Oxford, 1953, para Calímaco.

² Sobre as constelações como um sistema quasi-textual de sinais, cf. K. VOLK, “Letters in the Sky: Reading the Signs in *Aratus' Phaenomena*”, in *American Journal of Philology*, 133, 2012, pp. 209-40.

³ S. A. STEPHENS, *Seeing Double. Intercultural Poetics in Ptolemaic Alexandria*, Berkeley, 2003, pp. 74-114, e B. ACOSTA-HUGHES, S. A. Stephens, *Callimachus in Context. From Plato to the Augustan Poets*, Cambridge, 2012, pp. 133-4 e 149-153.

comportar, usando Zeus como modelo de rei ideal, e legitimar o governo dos seus dois patronos através de conceitos locais de reinado.

Os *Fenómenos* de Arato e o *Hino a Zeus* de Calímaco são considerados poemas aproximadamente contemporâneos, com o *Hino* a preceder os *Fenómenos* em cerca de uma década. Clauss argumentou, convincentemente, que Calímaco compôs o seu poema para a celebração da Basileia, uma festa macedónia em homenagem a Zeus *Basileus*, no dia 12 de Dystros, ou em 285/84 a.C., quando Ptolemeu Filadelfo se tornou co-regente e comemorou o seu aniversário, ou no mesmo dia em 284/3 a.C.⁴ Esta data tem a vantagem de envolver três temas importantes do hino: aniversário, ascendência ao trono e o papel de Zeus como protector dos reis. Não é possível apresentar uma datação tão convincente para os *Fenómenos*. As *Vidas Antigas* de Arato registam que Antígono Gonatas convidou o poeta para a sua corte na Macedónia quando se tornou rei em 276 a.C., que lhe entregou um livro de Eudoxo, um tratado científico sobre as constelações, e que lhe pediu para o transformar em um poema⁵. Kidd vê a história como um conto típico de biografia antiga. Afirma ele, “it is more likely that Aratus conceived his poem in the stimulating environment of Athens, but we may believe that Antigonos encouraged the work and invited the poet to Pella so that he could be free to complete his project”⁶. Além disso, a orientação estóica deste poema aponta para a influência da corte da Macedónia (para a qual vários filósofos estóicos foram convidados), mesmo que o poema de Arato não tenha sido de facto encomendado por Antígono⁷.

Os dois poemas têm vários temas em comum: o mais importante para este artigo é a proeminência de Zeus. O *Hino* de Calímaco é dedicado ao “rei dos deuses”, que é explicitamente o modelo para o rei Ptolemeu (vv. 85-90). Em Arato, a figura do rei (terreno ou celestial) não é elaborada, mas Zeus aparece ao longo do poema como o deus benevolente e providencial que fixa estrelas no céu e dá sinais para orientar as pessoas nas suas actividades marítimas ou agrícolas. Será mais tarde argumentado que este aspecto do Zeus de Arato reflecte as virtudes atribuídas ao “rei ideal” da época helenística em discussões filosóficas contemporâneas. Intimamente relacionada com a ideia de Zeus como rei é a adaptação nos dois poemas (os *Fenómenos* e o *Hino*) de obras de Hesíodo. Nos *Fenómenos*, Arato revisita os *Trabalhos* e os *Dias* de Hesíodo. A ideologia hesiódica (principalmente da *Teogonia*) também é utilizada por Calímaco no final do seu poema, visto que a *Teogonia* “authorised for later poets the problem of the categorisation of kings”⁸.

Calímaco começa a secção do mito no seu poema de uma forma bastante provocatória: (vv. 7-8: Ζεῦ, σὲ μὲν Ἰδαίοισιν ἐν οὐρεσί φασι γενέσθαι, Ζεῦ, σὲ δ' ἐν Ἀρκαδίῃ· πότεροι, πάτερ, ἐψεύσαντο;) “Zeus, por um lado dizem que nasceste nas montanhas do Ida (em Creta) e por outro lado, Zeus, na Arcádia: quem, Pai, mentiu?”.

⁴ J. J. CLAUSS, “Lies and Allusions: The Addressee and Date of *Callimachus' Hymn to Zeus*”, in *Classical Antiquity*, 5, 1986, p. 158.

⁵ *Vita Arati I* (ed. MARTIN, 1998).

⁶ D. A. KIDD, “The Fame of Aratus”, in *AUMLA - Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, 15, 1961, cf. pp. 5-6.

⁷ Sobre o estoicismo nos *Fenómenos* cf. R. L. HUNTER, “Written in the Stars: Poetry and Philosophy in the *Phaenomena* of Aratus”, in *Arachnion* [online], 2, 1995; J.-H. ABRY, “Manilius and Aratus: Two Stoic Poets on Stars”, in *Leeds International Classical Studies* [online], 6.01, 2007; e C. CUSSET, “Aratos et le stoïcisme”, in *Aitia* [online], 1, 2011.

⁸ R. L. HUNTER, *Theocritus and the Archaeology of Greek Poetry*, Cambridge, p. 81. Cf. P. BING, *The Well-Read Muse. Present and Past in Callimachus and the Hellenistic Poets*, Göttingen, 1988, p. 78.

O poeta diz que os mentirosos são os Cretenses, na base do provérbio de Epiménides que afirmava que “os Cretenses são sempre mentirosos”. Calímaco descreve o nascimento de Zeus na Arcádia, mas depois diz que o deus foi logo levado para Creta, onde foi criado. Quando o bebé estava a ser transportado da Arcádia para Creta, o seu ὀμφαλός (cordão umbilical) caiu na ilha de Creta, resultando aí um novo centro para o mundo inteiro (ὀμφαλός em grego significa tanto “umbigo” como ‘centro’). De acordo com a interpretação mais recente da configuração geográfica do poema de Calímaco⁹, este novo umbigo / centro vem substituir a versão hesiódica de um ὀμφαλός délfico: na *Teogonia* (vv. 497-500) a pedra délfica que marca o centro do mundo é a pedra que Reia deu a Crono para ele engolir em vez de Zeus (temos, portanto, em ambos os casos, um subproduto do nascimento de Zeus). O Zeus hesiódico então coloca a pedra em Delfos como um símbolo da sua tomada de poder. De acordo com Acosta-Hughes e Stephens, este movimento do centro do mundo – de Delfos na Grécia continental para a ilha de Creta no sul – é indicativo não apenas de uma geral descentralização do mundo mediterrâneo durante o período dos reinos helenísticos¹⁰, mas também de um deslocamento muito intencional do centro do universo grego para o Sul, a meio caminho entre o centro antigo (Delfos) e as novas e vibrantes cidades da África (em especial Cirene e Alexandria).

No que se segue, concentrar-me-ei nas passagens onde Arato também manipula contos mitológicos sobre o nascimento e a infância de Zeus para fazer o itinerário exactamente contrário: de Creta para o Norte e Macedónia, onde o seu patrono vivia. As duas passagens relevantes são vv. 30-7 (as duas *Ursae*) e 163-4 (a *Capella*).

Nos vv. 30-7 Arato tacitamente rejeita a tradição hesiódica segundo a qual a *Ursa Maior* é Calisto transformada em constelação (catasterizada). Se Pseudo-Eratóstenes é fiel ao texto (agora perdido) de Hesíodo¹¹, a versão canónica do mito (também atestada por Ovídio em *Met.* 2.409-530) seria que Calisto de Arcádia, filha de Licáon e companheira de Ártemis na caça, foi seduzida por Zeus, transformada por Ártemis num urso, caçada pelo seu próprio filho e “catasterizada” por Zeus por causa dos seus infortúnios. Ao contrário de Calímaco, Arato descarta um mito arcadiano em favor de um cretense, quando declara que as duas *Ursae*, Hélice e Cinosura, foram “catasterizadas” porque tomaram conta de Zeus, quando ele se estava a esconder do seu pai em Creta. O facto de que há um processo de selecção por detrás desse conto é insinuado pela introdução εἰ ἔτεον δῆ, que é imediatamente seguido por Κρήτηθεν. Como no *Hino* de Calímaco, o provérbio epimenideano “os Cretenses são sempre mentirosos” é (neste caso implicitamente) utilizado para comentar a temática da verdade e da mentira¹². Numa primeira leitura, o conto de Arato parece ser totalmente compatível com o de Calímaco, visto que ele também localiza a infância de Zeus em Creta.

"catasterizada"

⁹ B. ACOSTA-HUGHES, S. A. STEPHENS, *Callimachus in Context. From Plato to the Augustan Poets*, cit., pp. 133-4 e 149-153.

¹⁰ Cf. D. L. SELDEN, “Alibis”, in *Classical Antiquity*, 17, 1998, pp. 289-412; e J. NISHIMURA-JENSEN, “Unstable Geographies: The Moving Landscape in Apollonius’ *Argonautica* and Callimachus’ *Hymn to Delos*”, in *Transactions of the American Philological Association*, 130, 2000, pp. 287-317.

¹¹ *Catast.* 1: Ταύτην Ἡσίοδος φησι Λυκάονος θυγατέρα ἐν Ἀρκαδίᾳ οἰκεῖν.

¹² Cf. KIDD, *Aratus Phaenomena*, cit., p. 185, n. 30 e N. HOPKINSON, “Callimachus’ *Hymn to Zeus*”, in *Classical Quarterly*, 34, 1984, cf. pp. 140-1. Cf. S. GOLDHILL, “Framing and Polyphony: Readings in Hellenistic Poetry”, in *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 32, 1986, p. 27: “As Callimachus proclaims the ‘true answer’ to his question he blocks the simple movement towards truth with his ironic citation”.

Os vv. 163-4, no entanto, fornecem um outro animal-ama para Zeus: a **cabra sagrada**. Arato pode ter sido inspirado pelos versos de Calímaco: *πίονα μαζὸν / αἰγὸς Ἀμαλθείης* (vv. 48-9).¹³ Mas, como se não fosse suficiente que estes dois mitos já fossem incompatíveis, Arato também traz uma série de localizações geográficas disputadas em ambos os seus mitos, que tornam a “verdade”, ou até mesmo a verosimilhança, da sua narrativa ainda mais problemática.

"cabra
sagrada"

Nos vv. 36-7 ouvimos, pela primeira vez, os nomes das *Ursae*: *καὶ τὴν μὲν Κυνόσουραν ἐπὶ κλησὴν καλέουσι / τὴν δ' ἑτέραν Ἑλίκην*¹⁴. Cinosura aparece nos *Catasterismos* (2.12-22), com autoria atribuída a Aglaóstenes, como uma das ninfas do Ida que amamentaram Zeus e em honra da qual uma cidade foi fundada e tomou o seu nome; Cinosura, porém, aparece em outros textos como uma cidade na Arcádia ou na Lacónia e outra Cinosura é dada como sendo na Ática, perto de Maratona¹⁵. Hélice também é uma cidade de identidade geográfica dupla: a *Iliada* localiza-a no Peloponeso, enquanto o pseudo-hesiódico *Scutum* a situa na Tessália¹⁶. O que é mais notável é que a Hélice no Peloponeso ficou famosa por ter sido completamente destruída em 373/2 a.C. e todos os cidadãos terem sido mortos, quando, após um terramoto nocturno, ficou submersa sob as ondas de um tsunami¹⁷. Até aos dias de Pausânias, as ruínas de Hélice ainda eram visíveis, embora corroídas pelo sal da água do mar¹⁸.

apagar

O paradigma desta cidade, que já foi muito honrada (*μέγιστον ἄξιωμα*), mas que foi espectacularmente apagada do mapa por uma *συμφορὰ παρὰδοξος*¹⁹, parece ter inspirado vários poetas helenísticos. Posidipo no seu *Epigrama* 20 contrasta o destino de Hélice com a estabilidade (desejada) da terra dos Ptolemeus²⁰. Calímaco, no seu *Hino a Delos*, também alude à destruição desta cidade, tornando-a consequência da sua negação em acolher Leto quando ela estava à procura de um lugar para dar à luz Apolo²¹. Esta pode ser uma outra versão do que Nishimura-Jensen chamou “the

¹³ KIDD, *Aratus Phaenomena*, cit., p. 242, n. 163.

¹⁴ No tratado científico de Eudoxo (Fr. 15) são respectivamente *Μικρὰ Ἄρκτος* e *Μεγάλη Ἄρκτος*.

¹⁵ Cf. Hesíquio, s.v. *Κυνόσουρα*: φυλὴ Λακωνικὴ καὶ ἄκρα τοῦ Μαραθῶνος, πρὸς τὴν Εὐβοίαν τετραμμένα e Stef. Biz. s.v. *Κυνόσουρα*: ἄκρα Ἀρκαδίας.

¹⁶ Il. 2.574-6: Πελλήνην τ' εἶχον ἢ δ' Αἰγίον ἀμφενέμοντο / Αἰγιαλὸν τ' ἀνὰ πάντα καὶ ἀμφ' Ἑλίκην εὐρείαν, / τῶν ἐκατόν νηῶν ἦρχε κρείων Ἀγαμέμνων e Sc. 380-1: πᾶσα δὲ Μυρμιδόνων τε πόλις κλειτὴ τ' Ἰαωλκὸς / Ἀρνη τ' ἢ δ' Ἑλίκη Ἀνθειά τε ποιήεσσα.

¹⁷ Diod. Sic. 15.48.3-4: ἐπιλαβούσης δ' ἡμέρας τινὲς ἐξεπήδων ἐκ τῶν οἰκιῶν, καὶ δόξαντες ἐκπεφευγῆναι τὸν κίνδυνον **μείζονι καὶ παραδοξότερᾳ συμφορᾷ περιέπεσον**· τῆς γὰρ θαλάσσης μετεωρισθείσης ἐπὶ πολὺ καὶ κύματος ὑψηλοῦ ἐξαιρομένου κατεκλύσθησαν ἅπαντες σὺν ταῖς πατρίσιν ἀφανισθέντες. ἐγένετο δὲ τοῦτο τὸ πάθος τῆς Ἀχαΐας περὶ δύο πόλεις, Ἑλίκην τε καὶ Βούραν, ὧν τὴν Ἑλίκην [τε] συνέβαινε **μέγιστον τῶν κατὰ τὴν Ἀχαΐαν πόλεων ἔχειν ἄξιωμα πρὸ τοῦ σεισμοῦ**. Cf. Estrab. 8.7.1-2.

¹⁸ Paus. 7.24.13.

¹⁹ Na frase de Diodoro; cf. n.17.

²⁰ ὥς πάλαι ὑψηλὴν Ἑλίκην ἐνὶ κύματι παίσας
πᾶσαν ἅμα κρημνοῖς ἤγαγες εἰς ἄμαθον,
ὥς κ' [ἐ]π' Ἐλευσίνα πρηστήρ ἐκατόγγυος ἦρθης
εἰ μὴ Δημήτηρ σὴν ἐκύνησε χέρα
ὑν δέ, Γεραίσιτ' ἄναξ, νήσων μέτα τὴν Πτολεμαίου
γαῖαν ἀκινήτην ἴσχε καὶ αἰγιαλοῦς.

²¹ vv. 100-2: ἀλλ' ὅτ' Ἀχαιῶδες μιν ἀπρηνήσαντο πόλεις / ἐρχομένην, **Ἑλίκε** τε Ποσειδάωνος ἑταίρη / Βούρᾳ τε Δεξαμένοιο βοόστασις Οἰκιάδαο. Cf. MINEUR, 1984, p. 131, n. 101.

moving landscape”²². Embora a cidade não esteja exactamente em movimento, a repentina mudança de condição (praticamente da existência para a não-existência) pode ser percebida como uma espécie de translocação dramática. Arato pode ter ou não ter a intenção de que o seu público recorde a Hélice submersa, que, de acordo com algumas tradições, recebeu o nome da ama homónima de Zeus²³ – de qualquer maneira, a sua utilização da geografia e mitologia gregas é difícil de dominar.

A mesma problematização de localidades disputadas e versões do mesmo mito que surgem em lugares diferentes por toda a Grécia também se pode encontrar no mito alternativo sobre a infância de Zeus. No v. 163 Arato chama à *Capella* “sagrada”, porque ela alimentou Zeus com o seu leite (Αἰξ ἱερή, τὴν μὲν τε λόγος Δίῳ μαζὸν ἐπισχεῖν), e, no verso seguinte, o poeta acrescenta que ela é chamada Olénia pelos intérpretes da vontade de Zeus²⁴ (Ὤλενίην δὲ μιν Αἶγα Διὸς καλέουσ' ὑποφῆται).

"intérpretes da vontade de Zeus"

O adjectivo Ὤλενίην atribuído por Arato à *Capella* tem intrigado os comentadores, tanto antigos como modernos. Kidd apoia a derivação a partir de ὠλένη, porque seria uma etimologia credível, com base na posição da *Capella* no céu: podemos detectá-la na ὠλένη (cotovelo) do Cocheiro²⁴. Em outros textos, todavia, Ὤλενος aparece como o nome de uma cidade. Estrabão (8.7.5) localiza-a perto de Égio na Acaia, Hesíodo também na Acaia (Fr. 12: ἐξ Ὤλένου τῆς Ἀχαΐας) e Homero (*Il.* 2.639) na Etólia²⁵. Uma eventual justificação do adjectivo seria que “a cabra era de Oleno”²⁶.

No mesmo verso há uma outra palavra que implica referência directa a um lugar: ὑποφῆται (intérpretes) designa especificamente os sacerdotes de Zeus em Dodona, o santuário mais importante do norte da Grécia, situado no reino do Epiro, que estava envolvido em guerras frequentes contra Antígono Gonatas e foi no final anexado à Macedónia após a morte do rei do Epiro, Pirro. Antes de Arato a palavra ὑποφῆται aparece apenas uma vez: na oração de Aquiles na *Iliáda* (16.235), no contexto de uma invocação a Zeus: Ζεῦ ἄνα Δωδωναίῃ Πελασγικέ, τηλόθι ναίων, / Δωδώνης μεδέων δυσχειμέρου· ἀμφὶ δὲ Σελλοὶ / σοὶ ναίουσ' ὑποφῆται ἀνιπτόποδες χαμαιεῦναι. Os dois últimos adjectivos sugerem que estes Selloi eram um tipo particular de ascetas: eles dormiam no chão e não lavavam os pés. A referência repetida de Estrabão a eles em 7.7.10-12 implica que os Selloi eram característicos de Dodona.²⁷ Aludindo a Dodona numa passagem em que se refere ao nascimento e infância de Zeus, Arato complica ainda mais os detalhes do mito; Ida, Amalteia e Adrasteia eram ninfas

²² NISHIMURA-JENSEN, “Unstable Geographies:...”, cit., p. 287.

²³ Cf., por exemplo, Higino (486-91).

²⁴ KIDD, *Aratus Phaenomena*, cit., p. 243, n. 164.

²⁵ Hesíodo (Fr. 13: ὦκεε δ' Ὤλενίην πέτρην ποταμοῖο παρ' ὄχθας / εὐρεῖος Πείροιο) e Homero (*Il.* 2.617: πέτρῃ τ' Ὤλενίῃ) localizam uma pedra Olénia na Élide; Higino (486-91), que menciona Oleno como pai de Aega e Hélice, as amas de Zeus, diz que uma cidade na Élide tomou o seu nome: *Olenon in Elide . . . de quibus Homerus in Iliadis secundo dicit*.

²⁶ “Olénia” tornou-se um adjectivo muito comum para a *Capella* em autores posteriores; cf. Ovídio, *Ep.* 18.188, *Met.* 3.594, *Fast.* 5.113; Séneca, *Med.* 313; Nonno, *D.* 1.450-1. De acordo com E. GEE, *Ovid, Aratus and Augustus. Astronomy in Ovid's Fasti*, Cambridge, 2000, p. 129, os Romanos viam esse adjectivo como uma “assinatura” de Arato.

²⁷ Na literatura posterior, porém, este nome tornou-se sinónimo do profeta e é usado com este significado em Apolónio de Rodas 1.1311 e Teócrito 16.29.

"pedra Olénia"

de Dodona²⁸, e presume-se que a ligação do corno de Amalteia (ou a cornucópia) com o corno de Aqueloo tem origem nesta tradição local²⁹.

Arato trata de um mito que normalmente se localiza em Creta, mas surpreendentemente acrescenta duas palavras que estão associadas a outras localidades: Ὠλενίην recorda Élis ou Acaia no Peloponeso, ou mesmo Etólia. Logo depois ὑποφῆται faria o leitor lembrar-se da reivindicação de Dodona, que reclamava ter sido o local em que Zeus cresceu. O Zeus de Arato é assim implicitamente transportado do seu tradicional (e também calimaquiano) local de crescimento (Creta) para o Norte, onde fica o reino do Epiro, que ocupava um lugar importante na agenda política e militar do patrono de Arato.

Parece-me que Arato, nestes passos muito breves e em que usa o mínimo de palavras possível, leva os seus (experientes) leitores a fazerem uma “viagem” desde a parte mais a sul da Grécia, Creta, até ao Norte e Dodona, efectivamente revertendo o trajectória da viagem no *Hino a Zeus* de Calímaco. Além disso, como Arato não equaciona explicitamente o problema da multiplicidade de lugares que reivindicam o nascimento e infância de Zeus, a sua narrativa convida o leitor a imaginar um Zeus que é verdadeiramente de todos os lugares e para todos os homens.

Ainda que Calímaco também use ambiguidade geográfica para confundir as localidades na sua própria versão³⁰, o efeito narrativo é bem diferente devido à força com que a pergunta inicial foi colocada (“Onde exactamente devemos localizar o nascimento de Zeus?”). As suas referências, por exemplo, às duplas Tenas, uma em Creta e outra na Arcádia (v. 43), ao Monte Ida (havia um em Creta e outro na Tróade) e a alguns nomes de rios nos vv. 20-5 (*Iaon* soa como Jónia e Cárion como Cária) são provas de que ele estava de facto a apontar para um padrão mítico e literário que existia por quase todas as montanhas em terras gregas³¹. A sua narrativa, porém, com a sua insistência em especificar o local³², recusa de forma explícita a omnipresença quer do mito quer do deus. Onde Arato (mesmo veladamente) promove o deus estóico que tudo vê e se interessa por todos os mortais, Calímaco mantém-se mais perto do Zeus homérico e antropomórfico, e, num ambiente egípcio, isso permite que o rei Ptolemeu se torne na manifestação terrestre deste deus “humano”.

"humano"

O Zeus de Calímaco relega para outros deuses menores a protecção do marinheiro, do soldado, ou até mesmo do poeta, e escolhe para si o maior dos homens, o rei (vv. 70-80). O Zeus de Arato, de outro modo, não toma nenhuma classe em particular sob o seu patrocínio, mas faz com que os seus sinais estejam igualmente disponíveis para o agricultor, o marinheiro e o leitor urbano do poema. O deus é representado com uma *nuance* diferente pelos dois poetas, que, na minha opinião, é devida, pelo menos

²⁸ Cf. Higino, *Fab.* 182.

²⁹ Cf. STOLL, in W. H. ROSCHER, *Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, vols. 6, Leipzig / Berlin, 1924-37, I.1 265: “von da aus wird das Horn der Amaltheia mit dem nährenden und befruchtenden Acheloos in Verbindung gekommen sein”. Cf. GEE, *Ovid, Aratus and Augustus. Astronomy in Ovid's Fasti*, cit., p. 134.

³⁰ Cf. W. G. ARNOTT, “Two functions of ambiguity in *Callimachus'Hymn to Zeus*”, in *Rivista di cultura classica e medioevale*, 18, 1976, cf. pp. 14-6 e S. A. STEPHENS, *Seeing Double. Intercultural Poetics in Ptolemaic Alexandria*, pp. 94-5.

³¹ Cf. op. cit. e G. R. MCLENNAN, *Callimachus. Hymn to Zeus*, Rome, 1977, p. 33, n. 6; p. 66, n. 34; p. 71, n. 39; p. 74, n. 42.

³² Cf. v. 43: Θεναι δ' ἔσαν ἐγγύθι Κνωσοῦ.

em parte, aos diferentes códigos culturais que ambos, patronos e poetas, tinham de observar.

Se, no Egito, monarquia absoluta e deificação do rei seriam aceitáveis, ou até mesmo obrigatórias, na Grécia continental, com a sua tradição de autonomia da cidade-estado e desprezo pela tirania, esse comportamento seria potencialmente perigoso. A monarquia poderia manifestar-se como despotismo face aos bárbaros, mas o rei teria de ganhar a confiança e o apoio das cidades gregas através de beneficência³³. Este princípio é ilustrado no conselho de Aristóteles a Alexandre de que trate os Gregos como seus amigos e ganhe o seu favor através de obras beneficentes, mas trate os seus súbditos “bárbaros” como se fossem plantas ou animais³⁴. Não estou a defender uma dicotomia completa entre a Grécia continental e o Oriente “bárbaro”. Demétrio Poliorceta era, afinal, saudado como um deus, quando entrou em Atenas³⁵. No entanto, há razões para acreditar que Antígono Gonatas procurou criar para si um perfil mais modesto de “democrata”, que Arato está possivelmente a reflectir no seu retrato de Zeus.

Em primeiro lugar, Antígono adoptou Pã como o seu deus-patrono³⁶. Pã era um deus popular, mas certamente não é o mais magnífico dos deuses gregos. Em segundo lugar, Antígono era famoso na Antiguidade por ter descrito a realza como ἔνδοξος δουλεία (“escravidão gloriosa”). Considera-se que este provérbio foi influenciado por Perseu³⁷, um filósofo estóico que viveu na corte macedónica, e se encontra na *Varia Historia* (2.20) de Eliano, onde Antígono é descrito como πρᾶος (“brando”), δημοτικός (“popular”), ῥημερός (“leve”), e φιλόανθρωπος (“humano”). Não é surpreendente que todos esses adjectivos façam parte da terminologia helenística canónica usada para descrever as virtudes do monarca ideal³⁸. Mas, na medida em que eles também são incluídos na versão estóica de Zeus, indicam uma possível ligação entre o Zeus de Arato e o seu patrono. O Zeus de Arato, tal como o seu homólogo calimaquiiano, parece estar interligado com as discussões filosóficas sobre a realza ideal e talvez até mesmo com a agenda particular que Antígono Gonatas tinha.

³³ Cf. K. BRINGMANN, “The King as Benefactor: Some Remarks on Ideal Kingship in the Age of Hellenism”, in A. Bulloch, E. S. Gruen, A. A. Long, A. Stewart (eds.), *Images and Ideologies. Self-definition in the Hellenistic World*, Berkeley, 1993, p. 14: “The kings provided funds for buildings, for the celebration of festivities, for teachers’ salaries, for grain, oil, or fuel. In so doing they made jobs and loans available”.

³⁴ Fr. 658, citado por BRINGMANN, *op. cit.*, p. 8.

³⁵ Cf. *Fragmente der griechischen Historiker*, 76F13 e Plutarco, *Dem.* 10.3-4.

³⁶ R. R. R. SMITH, *Hellenistic Royal Portraits*, Oxford, 1988, pp. 44-5.

³⁷ G. J. D AALDERS, *Political Thought in Hellenistic Times*, Amsterdam, 1975, pp. 77.

³⁸ São todos incluídos na lista de F. CAIRNS, *Virgil's Augustan Epic*, Cambridge, 1989, pp. 19-21.

BIBLIOGRAFIA

- AALDERS, G. J. D, *Political Thought in Hellenistic Times*, Amsterdam, 1975.
- ABRY, J.-H., "Manilius and Aratus: Two Stoic Poets on Stars", in *Leeds International Classical Studies* [online], 6.01, 2007 (disponível em <http://lics.leeds.ac.uk/2007/200701.pdf>).
- ACOSTA-HUGHES, B., S. A. Stephens, *Callimachus in Context. From Plato to the Augustan Poets*, Cambridge, 2012.
- ARNOTT, W. G., "Two functions of ambiguity in *Callimachus'Hymn to Zeus*", in *Rivista di cultura classica e medioevale*, 18, 1976, pp. 13-18.
- BING, P., "Aratus and his audiences", in *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici*, 31, 1993, p. 99-109.
- , *The Well-Read Muse. Present and Past in Callimachus and the Hellenistic Poets*, Göttingen, 1988.
- BRINGMANN, K., "The King as Benefactor: Some Remarks on Ideal Kingship in the Age of Hellenism", in A. Bulloch, E. S. Gruen, A. A. Long, A. Stewart (eds.), *Images and Ideologies. Self-definition in the Hellenistic World*, Berkeley, 1993, pp. 7-24.
- CAIRNS, F., *Virgil's Augustan Epic*, Cambridge, 1989.
- CLAUSS, J. J., "Lies and Allusions: The Addressee and Date of *Callimachus'Hymn to Zeus*", in *Classical Antiquity*, 5, 1986, pp. 155-70.
- CUSSET, C., "Aratos et le stoïcisme", in *Aitia* [online], 1, 2011 (disponível em <http://aitia.revues.org/131>).
- GEE, E., *Ovid, Aratus and Augustus. Astronomy in Ovid's Fasti*, Cambridge, 2000.
- GOLDHILL, S., "Framing and Polyphony: Readings in Hellenistic Poetry", in *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 32, 1986, pp. 25-52.
- HOPKINSON, N., "*Callimachus'Hymn to Zeus*", in *Classical Quarterly*, 34, 1984, pp. 139-48.
- HUNTER, R. L., "Written in the Stars: Poetry and Philosophy in the *Phaenomena* of Aratus", in *Arachnion* [online], 2, 1995 (disponível em <http://www.cisi.unito.it/arachne/num2/hunter.html>).
- , *Theocritus and the Archaeology of Greek Poetry*, Cambridge, 1996.
- KIDD, D. A., "The Fame of Aratus", in *AUMLA - Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, 15, 1961, pp. 5-18.
- , *Aratus Phaenomena, edited with Introduction, Translation and Commentary*, Cambridge, 1997.
- MARTIN, J., *Aratos. Phénomènes*, Paris, 1998.
- MCLENNAN, G. R., *Callimachus. Hymn to Zeus*, Rome, 1977.
- MINEUR, W. H., *Callimachus. Hymn to Delos. Introduction and Commentary*, Leiden, 1984.
- NISHIMURA-JENSEN, J., "Unstable Geographies: The Moving Landscape in *Apollonius'Argonautica* and *Callimachus' Hymn to Delos*", in *Transactions of the American Philological Association*, 130, 2000, pp. 287-317.
- PFEIFFER, R., *Callimachus*, Oxford, 1953.
- ROSCHER, W. H., *Ausführliches Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, vols. 6, Leipzig / Berlin, 1924-37.
- SELDEN, D. L., "Alibis", in *Classical Antiquity*, 17, 1998, pp. 289-412.
- SMITH, R. R. R., *Hellenistic Royal Portraits*, Oxford, 1988.
- STEPHENS, S. A., *Seeing Double. Intercultural Poetics in Ptolemaic Alexandria*, Berkeley, 2003.
- VOLK, K., "Letters in the Sky: Reading the Signs in *Aratus'Phaenomena*", in *American Journal of Philology*, 133, 2012, pp. 209-40.